

mundo, indispunham-se com a ordem social vigente, comprometendo-se, por outro lado, com o martírio. Os sacramentos, para eles, não eram celebrados numa comunidade ritual apenas, mas expressavam toda a vida da comunidade de fé, culto e serviço.

Cristo mesmo, Sacramento Primordial, do qual emana todo sacramento e no qual cada sacramento encontra sua eficácia, inaugura o tempo novo da salvação (κοιπός), entregando plenamente e concretamente a sua vida para a salvação de todos.

Hoje, os sacramentos devem engajar na comunidade local e, mais ainda, na Igreja Universal, pois, ela é o sinal e instrumento profético e toda ação sua é ação libertadora. Assim, a vida eclesial, portanto, sacramental, deve iniciar um processo de libertação pessoal e comunitário-social. Deve levar à liberdade para a qual Cristo nos libertou. Lembra o Papa Paulo VI que o papel da evangelização é, precisamente, o de educar de tal modo para a fé, que esta leve cada um dos cristãos a viver os sacramentos como realmente eles são: verdadeiros sacramentos da fé (EM 47).

Quem recebe um sacramento é consagrado, ungido com Cristo para libertar o pobre, o cativo, e instituir o ano da graça do Senhor (Cf. Is 61) e se torna participante da santidade de Deus, configurando-se a Jesus Cristo. Desse modo, a graça conferida nos sacramentos – que salva e redime o homem – é dom do único Pai e do único Redentor, Jesus Cristo, no Espírito Santo.

Cón. José Adriano é Doutor em Teologia Moral pela Accademia Alfonsiana da Universidade Lateranense, Roma, e professor titular na Pontifícia Faculdade de Teologia do Centro Universitário Assunção.

## SEDE EM MASSA E MERIBA (Ex 17,1-7)

Dr. Matthias Grenzer

O projeto do êxodo com as suas perspectivas teológico-éticas é o fundamento da fé bíblica. Nele, o Deus de Israel revelou suas características identificadoras: atento aos sofrimentos dos oprimidos, Deus conduziu estes para fora da sociedade que os oprimia, deu-lhes o seu *ensino* (a Tora) e *terra* nova, a fim de que os libertados construíssem uma sociedade alternativa que garantisse dignidade a todas as pessoas. Os diversos escritos bíblicos referem-se, incansavelmente, ao êxodo como “modelo paradigmático”, em vista da construção de comunidade e sociedade em novos contextos históricos<sup>1</sup>.

Pretendo analisar, neste artigo, um trecho das narrações poéticas que apresentam o êxodo: *o milagre da água que brota da rocha em Massa e Meriba* (Ex 17,1-7)<sup>2</sup>. Meu interesse está, especificamente, nas perspectivas teológico-éticas: o que Ex 17,1-6 diz a respeito de Deus, e quais são os modelos de comportamento e de convivência indicados por este trecho?

A descoberta do conteúdo teológico-ético, no entanto, depende de outros estudos. Estou diante de um texto altamente literário. O autor mostra uma grande habilidade poética. Conduz seus leitores pela forma que deu ao texto. Usa os elementos estilísticos que a língua hebraica lhe fornece para realçar o que vê como importante. Cria imagens, convidando os leitores à contemplação das mesmas. Uma outra dificuldade encontra-se no fato de que os textos bíblicos nasceram no contexto sócio-histórico do antigo Oriente. Para chegar ao sentido original, preciso levar em conta o ambiente geográfico-cultural dos textos. Ainda existe um outro complicador: o nascimento do texto pode não ter se dado de modo uniforme, sendo ele o resultado de uma história de crescimento mais complexa, resultado do trabalho de vários autores.

<sup>1</sup> AZEVEDO, Walmor de Oliveira. Êxodo como paradigma para a compreensão da Bíblia na América Latina. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 31, 2000, 19-44 (veja, em especial, p. 35-41: *Êxodo como paradigma na Bíblia*).

De fato, faz-se mister o muito trabalho para chegar a uma compreensão mais adequada de um texto bíblico, porém, este trabalho é enriquecedor. Descobrir a beleza literária de um texto é uma experiência estética que causa felicidade. Conhecer a cultura do mundo antigo possibilita ao homem moderno aumentar seu horizonte. Causa, porém, maior fascinação, ainda, a descoberta das perspectivas teológico-éticas dos textos bíblicos. Estas, a meu ver, podem revelar-se salvadoras para o mundo moderno. É a tarefa do estudo bíblico e da teologia, como um todo, colocá-las em discussão, tanto em vista das comunidades cristãs que querem seguir o projeto do Deus bíblico, como em vista da sociedade na procura da justiça.

### 1. TRADUÇÃO LITERAL DO TEXTO HEBRAICO EM Ex 17,1-7

- 1a *Partiram, toda a comunidade dos filhos de Israel, do deserto de Sin, para as suas etapas, conforme a palavra de Iahweh, e acamparam em Rafidim.*  
1b *E não (teve)<sup>3</sup> água para que o povo bebesse.*  
1c *O povo discutiu com Moisés.*  
2a *Disseram:*  
2b *“Dai<sup>4</sup>-nos água para bebermos!”*  
2c *Moisés disse-lhes:*  
2e *“Por que discutis comigo?”*  
2f *Por que pondes Iahweh à prova?”*  
3a *E o povo teve sede de água, naquele lugar.*  
3b *O povo resmungou contra Moisés*  
3c *e disse:*

<sup>2</sup> Este texto encontra uma tradição paralela em Nm 20,1-13.

<sup>3</sup> A frase nominal, em hebraico, dispensa o verbo auxiliar.

<sup>4</sup> Conforme a nota da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, muitos manuscritos hebraicos, o Pentateuco Samaritano, a Septuaginta, a Peshitta, o Targum jerosolimita e a Vulgata atestam, no lugar do Qal Imperativo Plural Masculino (*dai-nos*), o Qal Imperativo Singular Masculino com a paragoge no final que indica ênfase (*dá-nos*).

- 3d *“Por que isto?”*  
3e *Será que fizeste subi-nos do Egito, para fazer morrer-me<sup>5</sup>, meus filhos e meu gado, de sede?”*  
4a *Moisés gritou a Iahweh:*  
4b *“O que faço para este povo?”*  
4c *Mais um pouco, e me apedrejarão!”*  
5a *Iahweh disse a Moisés:*  
5b *“Passa à frente do povo,*  
5c *e leva contigo uns dos anciãos de Israel!*  
5d *Teu bastão, com que bateste no Nilo, leva na tua mão,*  
5e *e vai!”*  
6a *Veja, (sou) Eu quem ficará de pé ali, à tua frente, sobre a rocha no Horeb.*  
6b *Bate na rocha,*  
6c *e águas sairão dela:*  
6d *e o povo beberá”.*  
6e *Fez assim Moisés, sob os olhos dos anciãos de Israel.*  
7a *E chamou o nome do lugar Massa (Prova) e Meriba (Discussão), por causa dos filhos de Israel terem discutido e por causa de terem posto Iahweh à prova, dizendo:*  
7b *“Iahweh (está) sim no nosso meio, ou não?”*

### 2. O SOFRIMENTO FAZ PARTE DO ÊXODO (v. 1)

A narração poética inicia-se com a imagem do povo de Israel que, depois de sua saída da escravidão no Egito, atravessa o deserto, rumo a terra prometida. Vários elementos reforçam a idéia de um projeto organizado. O povo avança em etapas (v. 1a). *Partiram juntos: toda a comunidade dos*

<sup>5</sup> A Septuaginta, a Peshitta, o Targum jerosolimita e a Vulgata têm: *para fazer morrer-nos, nossos filhos e nosso gado.*

*filhos de Israel* (v. 1a). É apresentada a imagem de um grupo unido e obediente, pois, para o autor, o caminho de Israel, rumo à liberdade, reflete o projeto de Deus: *caminham conforme a palavra de Iahweh* (v. 1a).

Pelo contexto do livro do Êxodo, o leitor já sabe que esse caminho é marcado por perigos e sofrimentos. Ex 17,1-7 acrescenta mais um episódio nesse sentido<sup>6</sup>. Em *Rafidim*<sup>7</sup> (v. 1b), lugar escolhido para o descanso, *não teve água para que o povo bebesse* (v. 1c).

O narrador dá destaque a este tema. Com a figura da *falta de água*, o autor cria uma moldura para o seu texto, marcado pela repetição da mesma seqüência de palavras (*água – povo – beber*). A frase *não teve água para que o povo bebesse*, no início da narrativa (v. 1c), espelha-se no final: *sairão dela* (da rocha) *águas e o povo beberá* (v. 6c.d). O tema volta na fala do povo (v. 2c): *Dai-nos água para bebermos*. O mesmo motivo aparece através do termo *sede*: *o povo tem sede de água* (v. 3a) e acusa Moisés de *fazer morrê-lo de sede* (v. 3e).

Dentro do v. 1, o último meio-versículo é enfatizado no texto hebraico por ser uma frase nominal: *e não (teve) água para o povo beber* (v. 1c).<sup>8</sup> Na primeira posição encontra-se o advérbio negativo de existência (traduzido por: *não*), indicando a falta absoluta de água. O final da narração (v. 7b) é formulado paralelamente: o uso do advérbio de existência e do advérbio negativo de existência (*Iahweh [está] sim no nosso meio, ou não?*) faz referência ao advérbio negativo de existência no v. 1c. Além disso, como v. 1c, também o v. 7b é uma frase nominal, o que torna ainda mais visível a ligação entre os dois. Portanto, a forma do texto sublinha a falta de água e que esta miséria questiona a presença de Deus.

<sup>6</sup> Cf. as narrativas da perseguição dos israelitas pelos egípcios (Ex 13,17-14,31), da falta de água potável em Mara (Ex 15,22-27) e de comida entre Elim e o Sinai (Ex 16), como do ataque de Amalec (Ex 17,8-16).

<sup>7</sup> Rafidim é mencionado em Ex 17,1.8; 19,2; Nm 33,14.15. O lugar não é mais localizável.

<sup>8</sup> “Toda frase cujo predicado não é um verbo, é uma frase nominal” (cf. JOÛON, Paul e MURAOKA, T. *A Grammar of Biblical Hebrew*, subsidia bíblica 14/II, Roma 1991, par. 154a. Além do v. 1c, apenas os vv. 3d.7b contém frases nominais).

O motivo da *água* (vv. 1c.2c.3a.6c), pelo seu contexto literário, puxa outras associações. Faz lembrar as diversas águas na história do êxodo. Os israelitas tinham experimentado as águas do rio Nilo como águas de morte. Por ordem do faraó, seus filhos foram lançados ao Nilo (Ex 1,22)<sup>9</sup>. Moisés e Aarão tinham demonstrado que no rio Nilo, ao invés de *água*, corre o *sangue* dos escravos (cf. Ex 4,9; 7,14-25). Outras águas que se tornaram ameaçadoras para os hebreus foram as águas do Mar dos Juncos (cf. Ex 13,17-14,31). Destas, Iahweh tinha salvo o seu povo.

Agora, porém, “depois da salvação feliz do poder mortal do Egito, o povo é confrontado com um tipo de morte que não é causado pelo faraó, mas é consequência do próprio êxodo. Israel experimenta que o caminho para a liberdade é muito perigoso”<sup>10</sup>. Pela segunda vez, depois das *águas amargas de Mara* (Ex 15,22-27), falta água para beber. Sem *água no deserto de Sin*, os israelitas, já em liberdade, são sujeitos à morte. A história do êxodo não deixa dúvidas de que o caminho à liberdade é doloroso, uma verdadeira via sacra. Riscos terão de ser enfrentados. A história da falta de água em Rafidim parece oferecer um modelo de comportamento para tal situação.

### 3. O POVO EXIGE A SOLUÇÃO DOS LÍDERES (v. 2a-c)

*E o povo discutiu com Moisés* (v. 2a). Não se acostuma com a miséria. Em vez de resignação ou silêncio, aproveita a liberdade que o êxodo lhes forneceu. São livres agora, podem protestar. No Egito, o protesto causava graves consequências. Quando *os escribas dos filhos de Israel foram reclamar (gritar) ao faraó* a respeito do trabalho pesado e da violência usada pelos inspetores egípcios, este os chamou de *preguiçosos* e lhes negou o pedido de diminuição de trabalho (cf. Ex 5,15-18).

Alvo da discussão é, primeiramente, Moisés. Ele tinha feito a proposta de sair do Egito. É normal que reclamem com ele. Chama, no entanto, atenção o uso do plural na primeira fala do povo: *Dai-nos água para bebermos* (v.

<sup>9</sup> Moisés é aquele que a princesa do Egito tirou das águas (Ex 2,10).

<sup>10</sup> ZENGER, Erich. *Israel am Sinai. Analysen und Interpretationen zu Exodus 17-34*, Altenberge. 2. ed. 1985, 68.

2c). O protesto dirige-se, portanto, ao grupo dos líderes, não somente a Moisés.<sup>11</sup> A exigência dos que protestam é clara: os líderes devem fornecer o que o povo precisa para viver.

O leitor começa sentir a dramaticidade do pedido, pois *não tinha água para beber* (v. 1c). Quais possibilidades Moisés, Aarão e os escribas tinham, então, para resolver o problema?

#### 4. A INCOMPREENSÃO DE MOISÉS (v. 2d-f)

Moisés responde à exigência do povo com uma pergunta dupla: *Por que discutis comigo? Por que pondeis Iahweh à prova?* (v. 2e-f)<sup>12</sup>. A repetição do mesmo pronome interrogativo (*por quê*) indica a ligação interna entre as duas perguntas.

Moisés parece interpretar a exigência do povo negativamente. Sutilmente, insinua que *discutir* com ele significa *pôr Iahweh à prova*. Afinal de contas, Iahweh tinha lhe conferido autoridade para conduzir o povo. Moisés sente-se questionado pela discussão do povo, a qual vê como sinal de oposição a Iahweh. No mínimo, o duplo *por que* de Moisés indica sua incompreensão com respeito ao pedido do povo, seja esta verdadeira ou apenas politicamente oportuna. A continuação da história, porém, deixará claro que esta postura de Moisés não se justifica.

A expressão *pôr à prova* (v. 2f), em si, também estaria aberta a uma compreensão positiva, no sentido de *pedir algo insistentemente*. Nas narrações onde *Deus põe o povo à prova*, pressupõe-se, justamente, este en-

<sup>11</sup> Conforme a regra da crítica textual de que a variante mais difícil merece preferência, não favoreço a proposta do singular *dá-nos*, indicada por manuscritos hebraicos e traduções antigas (cf. a nota 4).

<sup>12</sup> São as falas diretas que formam o esqueleto da narração. São precisas e reduzidas ao necessário, o que sublinha a literariedade do texto. Muitas vezes, apresentam ordens através do uso do imperativo (cf. vv. 2c.5b-6d) ou perguntas pelo uso do pronome interrogativo (cf. vv. 2e-f.3d-e.4b.7b). Tanto a ordem como a pergunta esperam uma resposta. Desta forma, as falas diretas fazem a história avançar.

tendimento (cf. Ex 15,25; 16,4; 20,20; Dt 4,34; 8,2.16; 13,4). Trata-se do pedido para que o povo *prove* sua fidelidade ao projeto do êxodo, pois somente assim terá um futuro melhor. No caso do rei Acaz, o profeta critica justamente a atitude de *não pedir nada para não pôr Iahweh à prova* (cf. Is 7,12), pois esta postura acha melhor não esperar nada de Deus, a fim de não ser incomodado por Ele.

Diante da miséria ameaçadora em *Rafidim - sem água no deserto*, o povo tem de formular seu grito, o que, por sua vez, é expressão da nova liberdade. O pedido é dirigido, primeiramente, a Moisés e ao grupo dos líderes, no entanto, fica claro que o verdadeiro destinatário da exigência é Deus. O povo *discute com Moisés e põe Iahweh à prova* (cf. Dt 6,16; Sl 91,9). Talvez esta postura possa ser interpretada como falta de paciência ou até de confiança imediata (cf. a fala do povo no v. 7b: *Iahweh (está) sim no nosso meio, ou não?*)<sup>13</sup>. Entretanto, a dor da *sede* não tem como esperar. O povo tem de pedir a solução com urgência.

#### 5. O RESMUNGO LEGÍTIMO DO POVO (v. 3)

Novamente, o autor coloca o motivo da miséria: *e o povo teve sede de água, naquele lugar* (v. 3a). No texto hebraico, o verbo *ter sede* e o substantivo *sede* são a primeira e a última palavras no v. 3. Formam uma inclusão que destaca v. 3a-e como pequena unidade literária. Na repetição do motivo, o autor varia entre as expressões *não ter água* (cf. vv. 1c.2c) e *ter sede de água* (v. 3a.c). Dificilmente os poetas hebreus repetem algo de forma igual, sem criar variações<sup>14</sup>.

A idéia que a *sede* continua, realça a dramaticidade da miséria sofrida pelos israelitas. É uma situação de morte. O verbo *fazer morrer* na fala do povo a Moisés sublinha este aspecto: *Será que fizeste subir-nos do Egito para fazer morrer de sede?* (v. 3e). Além disso, a insistência do autor na

<sup>13</sup> Cf. a reflexão em Sl 78,40-42; 106,13-14.

<sup>14</sup> Noth avalia a repetição do motivo como sinal claro para a origem da história em fontes diferentes. "V. 3 é evidentemente um novo início". Os vv. 1c-2 seriam da fonte do javista, v. 3 do eloísta (cf. NOTH, Martin, *Das 2. Buch Mose: Exodus*, Das Alte

notificação da *sede*, logo em seguida da resposta dupla de Moisés (v. 2e-f), deixa claro que a incompreensão do líder não trouxe nenhum benefício para o povo, pelo contrário, serviu apenas para agravar a situação: agora o povo *resmungo contra Moisés* (v. 3b).

O resmungo do povo é legítimo? Faz-se necessário dizer, primeiramente, que grito e protesto são a reação normal em vista da miséria. Estão em jogo vidas concretas. Justamente este aspecto parece ser sublinhado pela mudança de número na fala do povo: *Fizeste subir-nos do Egito: para fazer morrer-me, meus filhos e meu gado, de sede?* (v. 3e)<sup>15</sup>. Na segunda parte da frase, o *nos* é individualizado (*me – meus – meu*). Este modo de falar chama atenção para o sofrimento de cada indivíduo e sua família/casa (cf. *filhos e gado*)<sup>16</sup>.

O argumento principal, porém, para a legitimidade do protesto do povo, está no fato de “Deus responder o resmungo remediando a falta de água, sem castigar o povo”<sup>17</sup>. Isto faz aparecer a reação do povo como “realização

daquela liberdade que o próprio Deus do êxodo possibilitou ao seu povo. Trata-se da revolta de um povo que está sofrendo e que não está disposto a aceitar, passivamente, a miséria”<sup>18</sup>.

## 6. O ÊXODO DEPENDE DE DEUS (v. 4)

*E Moisés gritou a Iahweh* (v. 4a)<sup>19</sup>. Esta reação do líder tem a maior importância. Moisés começa a procurar a solução para o problema da miséria a partir de Deus, assumindo o protesto do povo. O mistério mais profundo da fé do êxodo é que Deus escuta o grito do povo sofrido (cf. Ex 2,23-25; 3,7.9; 14,10-31; 15,24-25; 22,22.26; Nm 11,3; 20,16). O credo do israelita encontra justamente no grito dos oprimidos seu centro: *Gritamos a Iahweh, o Deus dos nossos pais, e Iahweh escutou nossa voz* (Dt 26,7)<sup>20</sup>. Portanto, a decisão de Moisés de *gritar a Iahweh* causa esperança, pois o *grito* deu origem ao êxodo.

Formulando sua quinta pergunta em seguida (v. 4b: *O que faço para este povo?*), Moisés mostra-se agora preocupado com a miséria do povo, talvez por sentir o perigo do protesto na própria pele: *Mais um pouco, e me apedrejarão* (v. 4c). O resmungo do povo começa a transformar-se em violência. É pressuposta a noção de que um apedrejamento de Moisés não seria a solução para o problema. O motivo da ameaça parece estar em função de outros dois pensamentos: de um lado, ajuda reivindicar do líder, a necessidade de levar a sério o sofrimento do povo. A incompreensão (cf. v. 2e-f) não serve como resposta. No outro lado, o leitor percebe, novamente, que o êxodo

---

Testament Deutsch, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht (8ª. edição) 1988.

Zenger vê nos vv. 1c-2 (deuteronomistas) e 3s (do jeovista) uma duplicação que obriga a uma operação literário-crítica: especialmente o motivo do murmúrio mostraria uma apresentação e avaliação teológica diferentes (cf. ZENGER, Erich. *Israel em Sinai*, 59). Também Childs fala de uma duplicação entre os vv. 1c-2 e o v. 3 (cf. CHILDS, Brevard S. *The Book of Exodus. A Critical, Theological Commentary*, The Old Testament Library, Philadelphia 1974). A meu ver, Ex 17,1-7 não revela rupturas claras que obrigassem à procura da origem do texto em fontes diferentes. Portanto, continuo com a leitura sincrônica.

<sup>15</sup> As antigas traduções mudaram as formas singulares para o plural (cf. a nota 5). Provavelmente, trata-se da tentativa de facilitar a leitura do texto. A variante mais difícil é preferível como texto mais original

<sup>16</sup> KÖNIG, E. *Stilistik, Rhetorik, Poetik in bezug auf die biblische Literatur*. Leipzig, 1900, 51: “A individualização serve à ilustração”.

<sup>17</sup> LOHFINK, Norbert. “*Ich bin Jahwe, dein Arzt*” (Ex 15,26). *Gott, Gesellschaft und menschliche Gesundheit in einer nachexilischen Pentateuchbearbeitung* (Ex 15,25b.26), 96, em: LOHFINK, Norbert. *Studien zum Pentateuch*, Stuttgarter Biblische Aufsatzbände Altes Testament 4, Stuttgart 1988, 91-155. Lohfink distingue entre “dois tipos de histórias de resmungo: um tipo I, onde Deus elimina a causa do resmungo, e um tipo II, onde o resmungo é avaliado como rebelião e castigado”, *ibid*, 96.

<sup>18</sup> ZENGER, Erich. *Israel em Sinai*, 69.

<sup>19</sup> Veja *Moises gritando a Iahweh* em Ex 8,8; 14,15; 15,25; Nm 12,13.

<sup>20</sup> A estrutura do pequeno credo em Dt 26,5-10 é formada por quatorze elementos. O sétimo e oitavo elementos (*os egípcios nos impuseram dura servidão, e nós gritamos a Iahweh*), portanto, o sofrimento seguido pelo grito a Iahweh, são o centro do texto. Veja os estudos de Norbert LOHFINK, *Zum “kleinen geschichtlichen Credo” Dt 26,5-10 e Dt 26,5-9: Ein Beispiel altisraelitischer Geschichtstheologie*, em: LOHFINK, Norbert. *Studien zum Deuteronomium und zur deuteronomistischen Literatur I*, Stuttgarter Biblische Aufsatzbände Altes Testament 8, Stuttgart 1990, 263-290 e 291-303.

somente é realizável por Deus. A libertação, quando acontece, tem caráter de milagre: ela depende da *mão forte e do braço estendido de Deus*, quando Ele age *em meio a grande terror, com sinais e prodígios* (Dt 26,8). Nem o líder nem o povo são capazes de realizar o êxodo por conta própria. Se a libertação dependesse do homem, terminaria em apedrejamento e morte.

### 7. IR ATRÁS DA SOLIDARIEDADE DE DEUS (vv. 5-6d)

O discurso mais longo é reservado a Iahweh (vv. 5b-6d). Observando os verbos que marcam o ritmo do texto, a fala de Deus forma-se por oito elementos (sete mais um). Os vv. 5d.6b (o terceiro e sexto elementos) criam uma moldura em redor dos vv. 5d.6a, que ocupam o centro desta unidade literária. A conexão nasce do paralelismo formado pelo verbo *bater*: *confira teu bastão com que bateste no Nilo* (v. 5d) e *bate na rocha* (v. 6b)<sup>21</sup>. Esta moldura realça os dois elementos no centro, onde se espera o mais importante numa estrutura concêntrica. O primeiro elemento central é o meio-versículo mais curto no discurso: *Vai!* (v. 5f). O segundo destaca-se, no texto hebraico, por ser frase nominal. Além disso, a partícula deítica (traduzida por: *veja*) e a circunstância de Iahweh falar de si mesmo em primeira pessoa, dão ênfase ao v. 6a: *Veja, (sou) Eu quem ficará de pé ali, à tua frente, sobre a rocha no Horeb*<sup>22</sup>. O início e o fim do discurso de Iahweh (vv. 5b.6d) são marcados pela presença da palavra *povo*, fornecendo uma inclusão que emoldura toda a fala de Deus<sup>23</sup>. O último elemento, *e o povo beberá* (v. 6d), apresenta, por cima, a solução para o problema que deu origem a história: *não (teve) água para o povo beber* (v. 1c).

<sup>21</sup> No texto hebraico, o verbo *bater* aparece, as duas vezes, na mesma forma: Qal Perfeito 2ª Singular Masculino. No v. 6b, o vav consecutivo, acrescentado, faz com que o verbo dê continuação ao imperativo *leva* no v. 5d. Por ser a mesma escrita e pronúncia, a referência fica mais clara.

<sup>22</sup> Observando os verbos no texto hebraico, v. 6a também é realçado por interromper as duas formas verbais no Qal Perfeito com vav consecutivo (v. 5e: *vai*; v. 6b: *bate*) que dão continuidade aos imperativos anteriores (cf. vv. 5b.c.d).

<sup>23</sup> A palavra *povo* ocupa, nos dois meios-versículos, a última posição. Em todo o texto, o termo *povo* aparece sete vezes (vv. 1c.2a.3a.b.4b.5b.6d).

Com a fala de Iahweh, salientada por sua beleza literária, o autor apresenta as perspectivas teológico-éticas decisivas. A narração da *sede em Massa e Meriba* realça, sobretudo, “a misericórdia de Iahweh com seu povo necessitado. O grito de Moisés a Iahweh resulta numa resposta positiva”<sup>24</sup>. A presença salvadora de Deus é sublinhada no centro: *Veja, (sou) Eu quem ficará de pé ali, à tua frente, sobre a rocha no Horeb* (v. 6a)<sup>25</sup>. “Não é dito se Iahweh será invisível ou, de alguma forma, visível neste lugar. Em todo caso, Sua presença causará a dádiva da água”<sup>26</sup>. Nada se fala de um castigo do povo por ter *discutido com Moisés e resmungado* contra ele (vv. 2a.3b). Deus simplesmente elimina a causa da miséria.

Moisés torna-se, novamente, intermediário e instrumento na mão de Deus. Apesar de sua incompreensão, ele é chamado a *passar à frente do povo* (v. 5b), porém, não deve ir sozinho. Os *anciãos de Israel* (v. 5c) e o *bastão* (v. 5d), sinal visível da força do Deus do êxodo, devem acompanhá-lo. O líder simplesmente é chamado a continuar a caminhada: *vai!* (v. 5e). Este elemento é central no texto. *Iahweh estará à frente de Moisés* (v. 6a), o que deve ser motivo suficiente para o líder não parar. Exige-se confiança na providência divina. O caminho revelará a bondade de Deus para com o Seu povo.

### 8. A MEMÓRIA DO “DEUS NO NOSSO MEIO” (v. 6c-7)

O autor da história da *sede em Massa e Meriba* não está interessado em narrar os detalhes do milagre, de como *sáiram as águas da rocha* (v. 6b.c)<sup>27</sup>. Também não acrescenta nada sobre as reações dos israelitas. Simplesmente consta que *Moisés fez aos olhos dos anciãos de Israel* como

<sup>24</sup> CRAGHAN, John F. Êxodo, 106; BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. *Comentário Bíblico*, São Paulo, v. 1, 1999.

<sup>25</sup> Por ser frase nominal, v. 6a expressa o aspecto de permanência: *Sou Eu quem (sempre) estará ali*.

<sup>26</sup> NOTH, Martin. *Das 2. Buch Mose Exodus*, 111.

<sup>27</sup> O verbo *sair* lembra o projeto do êxodo.

Deus tinha lhe falado (v. 6e). Portanto, o ponto de focalização está em Deus, que eliminou a causa da miséria e garantiu assim a continuação do projeto do êxodo.

O comportamento de Moisés mudou durante a história. Sua primeira reação ao protesto do povo era marcada por incompreensão. O resultado dessa postura era a ameaça concreta de o povo usar violência. A solução apontada pelo texto, porém, é outra. A segunda reação de Moisés é *gritar a Iahweh* (v. 4a), procurar o caminho a partir de Deus: *O que posso fazer para este povo?* (v. 4b). Como consequência, povo e líder podem experimentar a providência divina, o cumprimento da promessa que *o povo beberá* (v. 6d). Moisés apenas *fez* o que Deus lhe ordenou (v. 6e).

No final, Moisés estabelece a memória da experiência da solidariedade de Deus com seu povo. Dá ao *lugar* do milagre o *nome de Massa (Prova) e Meriba (Discussão)*, por causa dos filhos de Israel terem discutido e posto *Iahweh à prova* (v. 7a)<sup>28</sup>. O nome do lugar lembra, primeiramente, a atitude de incompreensão por parte de Moisés: *Por que discutis comigo? Por que pondes Iahweh à prova?* (v. 2e-f). No outro lado, porém, o nome lembra a *prova* de amor que Deus deu ao seu povo. Não permitiu que a comunidade do êxodo *morresse de sede*. O leitor deve estar lembrado que Iahweh se revelou como aquele que *está no meio* do povo sofrido (v. 7b)<sup>29</sup>.

Matthias Grenzer é doutor em Teologia Bíblica. Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia do Centro Universitário Assunção e no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI em Mogi das Cruzes.

<sup>28</sup> Os dois substantivos *Prova* (a) e *Discussão* (b) são colocados de forma inversa na segunda parte da frase: *por terem discutido* (b') e *posto à prova* (a') Cria-se uma pequena estrutura concêntrica: a-b-b'-a'.

<sup>29</sup> Dedico este artigo a Marcel Beaudry (+2000), professor na École Biblique et Archéologique Française de Jerusalem.

Preencha o cupom de assinatura abaixo e envie junto com um cheque nominal ao Instituto Educacional Seminário Paulopolitano, Av. Nazaré, 993 - CEP 04263-100 - Ipiranga - São Paulo - SP, Faculdade Assunção, ou se preferir, faça o depósito do valor referido e mande-nos o comprovante junto com a ficha de renovação, via fax: (11) 272-7630. Depósito: **R\$25,00** - Banco: **Itaú** - Agência: **0644** - Conta nº: **98.580-6**.

## CUPOM DE ASSINATURA

*Assinatura por 1 ano R\$25,00*

NOME \_\_\_\_\_

ENDEREÇO \_\_\_\_\_

CEP

CIDADE \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_

DATA \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

ASSINATURA \_\_\_\_\_